

Gradações do pluralismo religioso dos Portugueses

Helena Vilaça

Resumo:

Tomando como instrumento de análise o inquérito internacional do projecto *Religious and Moral Pluralism* (RAMP), são aqui estudados os posicionamentos e atitudes individuais dos portugueses perante o fenómeno religioso. O modelo de análise construído abarca, entre outros aspectos, as predisposições maiores ou menores para o particularismo ou para o universalismo, a percepção e os posicionamentos em relação à separação entre o religioso e os outros domínios da vida social e o contraponto da crença e tradição religiosas com a religiosidade auto-construída em função de outras opções existentes no campo religioso.

Palavras-chave: pluralismo, compartimentação, religiosidade individual

O estudo empírico do pluralismo aqui apresentado baseia-se nos resultados de um inquérito, realizado à escala europeia, sobre pluralismo religioso e moral, no âmbito do projecto *Religious and Moral Pluralism* (RAMP)¹. A pesquisa teve por alvo primordial aprofundar o conhecimento em termos da diversidade cultural europeia, procurando evidenciar não apenas a extensão do pluralismo cultural como também os seus desafios, as suas oportunidades e os seus perigos.

¹ Dentro da lógica de rede, o RAMP constituiu um grupo, no qual participámos, que trabalhou as dinâmicas da religião e da moralidade na Europa Ocidental, mas tendo presente a progressiva necessidade de conceber uma geografia europeia alargada, integrando assim na equipa cientistas de países da Europa do Leste. O questionário foi aplicado em 1998 em diversos contextos europeus, o que permitiu comparar os resultados portugueses com os de outros países diferenciados em termos de secularização, racionalização e diferenciação funcional; mobilidade e desenvolvimento sócio-económico; tolerância e pluralismo ético; tradição religiosa. Assim, foram abarcados países predominantemente católicos (Bélgica, Itália, Polónia e Portugal); países protestantes (Dinamarca, Finlândia, Noruega e Suécia) ou de tradição anglicana (Grã-Bretanha) e sociedades de religiosidade mista (Holanda e Hungria).

A investigação realizada não se confinou ao projecto RAMP nem na sua dimensão teórica nem no plano da pesquisa empírica². Contudo, cruza-se inquestionavelmente com a sua problemática: há hipóteses partilhadas³ e parte dos resultados nacionais do inquérito são aqui apresentados. Pretende-se apreender as várias dimensões do pluralismo religioso e os conceitos e constructos que o explicam, sejam a compartimentação, a religiosidade individual e os indicadores de caracterização, tais como, o sexo, a idade, a escolaridade ou o habitat. Estamos no domínio da análise da organização das atitudes face ao pluralismo religioso e dos elementos explicativos dessas mesmas atitudes. Entendemos por sociedade pluralista em termos religiosos aquela onde os grupos religiosos e os indivíduos reivindicam liberdade e tolerância, não apenas para si próprios, mas também para os outros, quaisquer que sejam as suas crenças (Katz e Southerland, 1968: 269).

Estratégias de aproximação do pluralismo: modelo de análise do inquérito

Um dos pressupostos teóricos presentes na pesquisa do RAMP foi o de que o pluralismo é um dos aspectos analíticos da secularização, sob o argumento que o processo de secularização afecta não apenas a sociedade, mas também produz configurações seculares nos grupos religiosos – a dimensão intermédia em Dobbelaere –, conduzindo a um pluralismo interno dentro dessas instituições, e ainda que esse processo gera efeitos a nível micro, dado que há uma privatização da religiosidade individual. Embora partilhemos essa hipótese, admitimos, juntamente com Martin (1978), que o aumento da diversidade religiosa pode, igualmente, contribuir para que a sociedade se secularize.

A problematização das atitudes em relação ao pluralismo religioso levamos ao desenvolvimento de um quadro hipotético, alicerçado nos aspectos que a seguir vamos expor. Será assim de esperar, como primeira hipótese, que os

² A pesquisa referida ao longo deste artigo é apresentada de forma desenvolvida, em especial nos capítulos 6 e 7 da dissertação de doutoramento, *Da torre de Babel às terras prometidas: estratégias para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa*, defendida publicamente em Junho de 2003 na Faculdade de letras da Universidade do Porto. Esta tese será brevemente publicada pelas Edições Afrontamento.

³ Referimo-nos, concretamente às hipóteses formuladas e testadas pelo RAMP e cujos resultados constam da sua publicação (Piedmont R. & Modberg, D. (Eds.) (2003), *Research in the Social Scientific Study of Religion*, Leiden: Brill, Vol. 14), concretamente o artigo “Church Commitment and Some Consequences in Western and Central Europe”, em que trabalhamos em co-autoria com Jaak Billiet, Karel Dobbelaere, Ole Riis, Liliane Voyé e Jerry Welkenhuysen-Gybels.

mais jovens, os indivíduos com mais elevados níveis de educação, com uma posição ideológica mais à esquerda e a residir em meio urbano sejam mais abertos à heterogeneidade religiosa. Será ainda de supor que pessoas com um nível de prática religiosa elevado e enquadradas na religião maioritária⁴ serão menos abertas ao pluralismo religioso do que aquelas com uma baixa prática, uma vez que elas estão mais fortemente integradas na Igreja.

Dada a irrelevância estatística das minorias protestantes em Portugal, não será possível comparar as atitudes dos católicos com as dos protestantes. No entanto, em estudos comparativos entre países com tradição religiosa diferente – caso do RAMP – tem sido possível constatar que os católicos, quando comparados com os protestantes, possam ter uma atitude mais negativa em relação ao pluralismo religioso, uma vez que a Igreja Católica enfatizou, e ainda o faz, que o catolicismo era o único verdadeiro caminho para a redenção (Vilaça & al., 2003).

Uma das dimensões que consideramos importante no estudo do pluralismo religioso prende-se com a percepção a nível individual da relação entre a esfera religiosa e as outras instâncias da vida social. Deriva deste pressuposto a importância estratégica da teoria da compartimentação (Dobbelaere, 1999 e Vilaça & al., *Ibidem*). Esta teoria é construída com o objectivo de medir a interiorização do processo de secularização dos indivíduos, colmatando assim onexo causal que estabelece uma relação directa entre a secularização macro-societal e o declínio religioso, cujo elemento mais evidente seria a diminuição da prática religiosa. A compartimentação mede, assim, no plano da consciência individual, o grau de diferenciação entre os valores e as normas religiosas e os valores e normas políticos, económicos, familiares ou científicos.

A apropriação, aqui efectuada, do conceito de compartimentação resulta do facto de ele traduzir, entre outras coisas, o posicionamento dos indivíduos face à separação entre a Igreja e o Estado, aspecto que foi contemplado pelo questionário. O consenso societal em assuntos que remetem para a defesa de uma separação entre o Estado e a religião, e que são demonstrativos do declínio da Igreja na Europa, pode estar a influenciar crenças religiosas, cognições e atitudes individuais. Além disso, grupos de oposição à desvinculação Igreja/Estado – querendo preservar mais-valias religiosas nas leis da sociedade – podem reforçar os sentimentos religiosos na procura de preservar os ves-

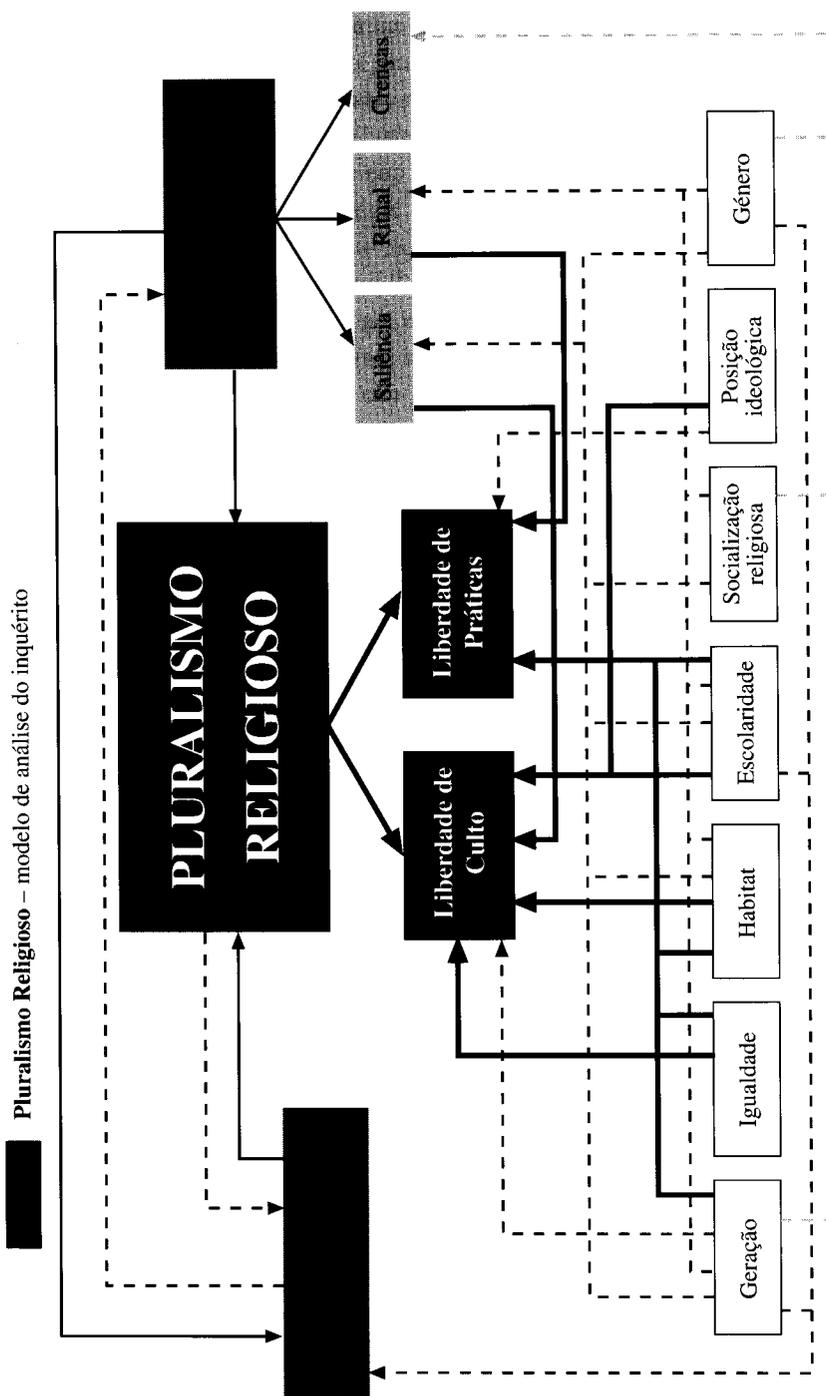
⁴ Além de Portugal ser um país onde as minorias religiosas têm uma expressão numérica muito fraca, os não católicos captados através deste inquérito (menos de 3%) são estatisticamente irrelevantes para a análise.

tígios do passado. Espera-se, desta forma, que haja uma relação negativa entre uma forte religiosidade individual e uma atitude positiva em relação à compartimentalização.

Tendo em conta a nossa problemática nuclear, interessa-nos ver até que ponto a defesa da separação entre o político e o religioso se traduz também numa atitude mais favorável em relação ao pluralismo, uma vez que o primeiro pressuposto implica a rejeição de um grupo religioso com privilégios especiais na sociedade. Pode, por esta via, ser formulada a hipótese de que os indivíduos defensores da separação entre a Igreja e o Estado apresentem uma predisposição favorável ao pluralismo religioso, isto é, sustentem que todos os grupos religiosos devem estar em igualdade de direitos.

Seguindo um raciocínio semelhante ao efectuado para o pluralismo, esperamos que os indivíduos mais novos, com níveis de educação mais elevados, e urbanos, devido à sua atitude mais positiva em relação à modernidade, terão uma atitude mais positiva em relação à compartimentação.

A religiosidade individual é outra dimensão que consideramos fundamental para a compreensão das atitudes perante o pluralismo. Sobre isto temos que ter presente que o universo religioso não é apenas composto de crenças, cognições, atitudes e práticas. Religião também é cultura (Vilaça & al., *Ibidem*). A cultura religiosa resulta de um processo interactivo: produz um impacto na sociedade em que se enraíza, mas a sociedade também modela a religião. O cristianismo modelou a Europa, mas também adquiriu a forma da Europa rural na qual se institucionalizou. A industrialização veio introduzir alterações na cultura religiosa: a religião mágico-instrumental foi-se extinguindo e o mundo desencantado emergiu. Portugal faz parte desse processo como temos vindo a enunciar.



Também as diferenças tradicionais entre rural e urbano, se ainda existem, tenderão a diminuir uma vez que, por um lado, "a cultura urbana espalha-se às mais remotas partes da sociedade através dos *mass media* sediados na cidade e, por outro lado, a maioria da população estuda e trabalha nas cidades e usufrui dos equipamentos e serviços que ela proporciona" (Vilaça & al.: 2003). A cidade é privilegiadamente o lugar onde os vários grupos, embora permanecendo distintos uns dos outros, encontram entre si possibilidades múltiplas de coexistência e de trocas (Rémy & Voyé: 1994), facilitando os contactos programados e favorecendo o jogo das estimulações recíprocas.

Independentemente de avaliarmos a sociedade portuguesa como cada vez mais marcada por influências urbanas, não deixa de ser pertinente salientar que ela conserva contornos de semi-periferia, no sentido de ainda apresentar sinais de "descoincidência articulada entre as relações de produção capitalista e as relações de reprodução social" (Santos, 1990: 109), e contradições de temporalidades.

Um domínio de confronto e de tensão das esferas da produção e da reprodução sociais é o da religiosidade. A Igreja tem moldado de forma continuada a estrutura social portuguesa, contudo as manifestações e as vivências comunitárias da religiosidade popular (Silva, 1997: 188) ultrapassam o quadro estruturante da religião oficial. Aqui poderemos entrecruzar uma outra problemática, que é a da dialéctica entre globalização e localização (Santos, 2001: 60). As sociedades actuais, apesar de assistirem a uma intensificação das interdependências e das interacções globais, encontram-se expostas a um processo de reconstrução de identidades regionais ou nacionais, em territórios delimitados física ou simbolicamente. Os traços e as reconfigurações religiosas não são insensíveis a esse processo de interactividade.

Lembramos, a este propósito, que o mapa religioso típico conserva as mesmas coordenadas: a cor do catolicismo e da prática religiosa é mais forte no Norte (nas ilhas também), esbatendo-se gradativamente à medida que se avança para o Sul (Vilaça, 2001:82). Por esta razão, será de esperar que a religiosidade ou pelo menos alguns dos seus indicadores sejam explicados pelo *habitat* de residência.

Em Portugal, devido à democracia tardia e à inculcação religiosa do Estado Novo, as gerações mais velhas foram marcadas por um tipo de cognição diferenciada das mais jovens, cujo período de socialização se operou em contexto democrático. Esta particularidade histórico-social portuguesa sugere que a idade ainda seja um factor distintivo da religiosidade. Também será de esperar que a socialização religiosa, isto é, a prática religiosa familiar do

inquirido durante a sua adolescência (quando este tinha doze anos) venha a ter consequências na sua religiosidade numa idade mais avançada.

Será também de formular a hipótese de que níveis mais elevados de escolaridade têm uma influência negativa na religiosidade individual, dado que estes indivíduos foram mais expostos a um pensamento científico do que aqueles que atingiram baixos níveis de escolaridade⁵. Tal como Berger (1967) afirma, no mercado das visões do mundo não competem apenas «empresas» religiosas, mas também as ideologias e a ciência (Wilson, 1988).

Finalmente, outro indicador que poderá ser explicativo da religiosidade é o sexo. Uma vez que os homens estão ou estiveram profissionalmente mais activos na indústria ou nos serviços do que as mulheres, esperamos que eles tenham uma orientação religiosa mais baixa do que estas. Por outro lado, a esfera familiar e a gestão dos problemas no seu seio continuam a ser mais de foro feminino, facto que pode tornar as mulheres mais próximas da religião do que os homens, sobretudo através da prática e da intensidade da crença, tal como têm revelado os diferentes observatórios sobre valores.

As dimensões do pluralismo

Com base na problemática até agora delineada, procurámos sistematizar, no modelo de análise dos resultados do inquérito (Figura 1), as principais dimensões implicadas no pluralismo religioso, cuja análise mais fina no plano estatístico iremos de seguida desenvolver.

O ponto de partida foi uma análise simples dos indicadores do pluralismo. Consideramos como indicadores do pluralismo: a liberdade de aprendizagem de outros ensinamentos religiosos; direito ao culto para as Testemunhas de Jeová; direito ao culto para os Cientologistas⁶, direito às raparigas de usarem a cabeça coberta; direito ao consumo de drogas leves com fins religiosos; direito a impedir a transfusão de sangue; direito a cometer suicí-

⁵ No entanto, A. Teixeira Fernandes, no estudo dum espaço social mais restrito, constata que os mais escolarizados são aqueles que mais próximos se encontram da ortodoxia religiosa. O autor salienta que "com o aumento das habilitações literárias, cresce o número dos que crêem num Deus com que se tem uma relação pessoal. [...] Parece haver alguma orientação no sentido de uma maior espiritualização da ideia de Deus" (Fernandes, 2001: 88).

⁶ Este item foi incluído no inquérito em virtude da polémica em torno da Igreja da Cientologia, ocorrida em finais dos anos noventa na Europa, em especial na Alemanha. Em Portugal, este grupo ainda hoje se encontra fracamente implantado e é do desconhecimento do grande público, pelo que colocamos a hipótese de que grande parte dos respondentes a esta questão manifestaram a mesma tendência de resposta que em relação às Testemunhas de Jeová.

dio; diversidade de religiões numa sociedade como forma de enriquecimento cultural; diversidade de religiões como forma de conflito. O RAMP procurou testar questões de natureza religiosa que têm confrontado as sociedades europeias em termos de desafios éticos e jurídicos. Uma das questões mais polémicas é, como se sabe, relativa à presença muçulmana na Europa e respectivas consequências em termos do choque cultural provocado pelas práticas alimentares, o dia de descanso e a prescrição das mulheres trazerem a cabeça coberta por um véu.

Verifica-se, antes de mais, um conjunto de resultados semelhantes nas questões respeitantes à aceitação de práticas religiosas usualmente associadas a grupos religiosos não cristãos, seitas ou novos movimentos religiosos (NMRs), ou seja, grupos com rituais bem distintos da cultura religiosa dominante. Enquanto no que toca ao direito de consumir drogas leves, impedir a transfusão de sangue ou cometer suicídio, discordam totalmente acima de 74% dos inquiridos, relativamente à permissão das raparigas usarem a cabeça coberta na escola existe um grau de intolerância muito menor.

Este dado revela-nos a dificuldade de inserção deste indicador numa determinada dimensão do pluralismo a construir, na medida em que se distancia dos níveis de (in)tolerância detectados relativamente aos outros três indicadores⁷.

O pluralismo dos indivíduos não pode ser avaliado unicamente pelas respostas àquelas variáveis. Analisando outros indicadores, tais como, o grau de aceitação perante a existência de outros grupos religiosos na mesma sociedade – os inquiridos foram confrontados, como se disse, com os casos concretos dos Cientologistas e das Testemunhas de Jeová –, verifica-se, comparativamente à bateria dos anteriores indicadores, um nível de aceitação significativo face à sua implantação. Situa-se em cerca de 9% a ponderação daqueles que discordam totalmente da existência destes grupos em Portugal (Quadro 1).

Quanto às questões que auscultam o indivíduo no sentido de avaliar a coexistência de vários grupos religiosos na mesma sociedade, interrogando até que ponto a diversidade é um factor de enriquecimento cultural ou uma causa de conflitos, encontram-se resultados que se situam num ponto mais ou

⁷ As respostas dos indivíduos situaram-se numa escala de 1 a 7, em que o 1 demonstrava uma total discordância com as práticas levadas a cabo e o 7 mostrava uma concordância total, tendo-se obtido para o "consumo de drogas leves" uma média de 1,82 com um d.p. de 1,68; "impedir transfusões de sangue" uma média = 1,34, d.p. = 1,12; "permitir suicídio" uma média = 1,34, d.p. = 1,11 e "cabeça coberta nas raparigas", média = 3,25, d.p. = 2,47.

Quadro 1 – Indicadores do pluralismo – frequências simples

	1-Discordo Totalmente		2		3		4		5		6		7-Concordo Totalmente		Média	Desvio-padrão							
	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.									
Direito às reparagens usarem cabeça coberta	458	46,9	62	6,4	53,3	31	3,1	56,4	81	8,3	64,7	77	7,9	72,6	80	8,2	80,7	188	19,3	100	3,25	2,47	
Direito ao consumo de drogas leves	727	74,2	74	7,6	81,8	27	2,7	84,6	49	5	89,6	29	3	92,5	29	3	95,5	44	4,5	100	1,82	1,68	
Direito a impedir a transfusão de sangue	863	87,7	87,7	45	4,6	92,4	17	1,7	94,1	24	2,4	96,5	7	0,79	7,2	8	0,8	98	19	2	100	1,34	1,12
Direito a cometer o suicídio	855	87,7	87,7	41	4,2	91,9	19	2	93,9	25	2,5	96,4	7	0,8	97,2	12	1,3	98,5	15	1,5	100	1,34	1,11
Variedade de grupos religiosos: enriquecimento cultural	267	27,8	27,8	137	14,2	42	103	10,6	52,6	188	19,5	72,1	91	9,5	81,6	65	6,8	88,4	112	11,6	100	3,35	2,04
Variedade de grupos religiosos: causa de conflitos	124	12,7	12,7	70	7,2	19,9	64	6,6	26,5	130	13,4	39,9	163	16,7	56,6	148	15,2	71,8	274	28,2	100	3,27	2,07
Liberdade de aprendizagem de outros ensinamentos religiosos	102	10,4	10,4	35	3,5	13,9	26	2,6	16,5	132	13,5	30	138	14,1	44,1	180	18,3	62,5	368	37,5	100	5,23	1,96
Direito ao culto das testemunhas de Jeová	89	9,1	9,1	18	1,8	11	31	3,1	14,1	117	12	26,1	146	14,9	41	156	16	56,9	421	43,1	100	5,43	1,90
Direito ao culto dos Cientologistas	85	9,9	9,9	27	3,1	12,9	32	3,7	16,6	162	18,7	35,3	119	13,7	49	135	15,6	64,6	307	35,4	100	5,12	1,94

menos intermédio da escala⁸. A diferença de atitudes constatada relativamente ao conjunto dos itens apresentados no Quadro 1 sugere-nos a existência de dimensões distintas do pluralismo, que convém apurar.

A aplicação de uma Análise Factorial em Componentes Principais (AFCP) às variáveis que no inquérito ilustram o pluralismo religioso permite identificar, à partida, três dimensões, isto é, três variáveis latentes (Quadro 2). Designamos a primeira como *liberdade de culto*, agrupando esta os indicadores relativos à avaliação feita por cada inquirido quanto ao direito à prática religiosa das Testemunhas de Jeová e dos Cientologistas e quanto à liberdade de aprender o ensinamento de outras religiões.

A segunda dimensão foi denominada *liberdade de práticas* e cobre o conjunto de itens relativos ao direito de consumir drogas leves, de impedir transfusões de sangue e de cometer suicídio, caso estes actos façam parte dos rituais religiosos de um indivíduo. Nesta bateria de indicadores, deixou de ser tomada em conta a variável que abordava o direito das raparigas usarem a cabeça coberta na escola, uma vez que, para além de não demonstrar uma forte componente explicativa, também não se inseria com clareza num factor, dispersando-se pelas três dimensões definidas.

O terceiro factor obtido através da AFCP designa-se *impacto da diversidade religiosa* e abarca duas variáveis: a diversidade de religiões como factor de enriquecimento cultural da sociedade e a diversidade de religiões como factor de crescimento dos conflitos. No entanto, esta última dimensão irá cair, uma vez que ficou demonstrada (pelo teste Alpha de Cronbach) a existência de uma escassa coesão interna, o que sugere que esta não será a melhor análise para avaliar este factor (Quadro 2).

Comparando os resultados obtidos com as conclusões alcançadas na publicação do RAMP, verifica-se que os autores da publicação que aborda a problemática do pluralismo religioso (Vilaça & al., *Ibidem*) se circunscreveram a cinco indicadores do pluralismo, tendo a sua análise procurado perceber até que ponto as variáveis consideradas mediriam um mesmo conceito.

A conclusão obtida não corroborou essa hipótese, tendo sido definidas duas dimensões para medir o pluralismo religioso, muito embora cada dimensão só contenha uma variável manifesta. Assim, foi considerada pelos autores uma pri-

⁸ "Liberdade de aprendizagem de outros ensinamentos religiosos", média = 5,23, d.p. = 1,96; "permissão de culto para as Testemunhas de Jeová", média = 5,43, d.p. = 1,90; "permissão de culto para os Cientologistas", média = 5,12, d.p. = 1,94; "diversidade de grupos religiosos como factor de enriquecimento cultural", média = 3,35 d.p. = 2,04 e "diversidade de grupos religiosos como causa de conflitos", média = 3,27, d.p. = 2,07.

meira variável latente (factor), denominada como "atitude perante o pluralismo religioso no país", baseada na questão acerca da diversidade religiosa enquanto causa de enriquecimento cultural das sociedades. Por outro lado, foi definido um factor designado de "abertura a outras religiões", composto pela variável "liberdade de aprendizagem de outros ensinamentos religiosos".

Quadro 2 – Análise factorial do pluralismo

	Liberdade de culto	Liberdade de Prática	Impacto da diversidade religiosa
Direito ao culto das testemunhas de Jeová	.91	.004	-.02
Direito ao culto dos Cientologistas	.89	.03	-.09
Liberdade de aprendizagem de outros ensinamentos religiosos	.52	.05	.08
Direito a cometer suicídio	.07	.78	.10
Direito ao consumo de drogas leves	.25	.70	.06
Direito a impedir a transfusão de sangue	-.18	.62	-.07
Variedade de grupos religiosos: enriquecimento cultural	.16	-.002	.77
Variedade de grupos religiosos: causa de conflitos	-.14	.06	.74
Variância explicada	25,5%	18,6%	14,7%
Alfa de Cronbach	.70	.47	.28
N	861	969	963
KMO	.55		

Numa leitura abrangente, percebe-se que o teor das dimensões encontradas para medir o pluralismo não foi substancialmente diferente do obtido no estudo específico da realidade portuguesa, com a salvaguarda feita à dimensão *liberdade de práticas*, tal como foi atrás explicitado. Convém, no entanto, ressaltar e perceber as diferenças encontradas, tentando esclarecer a razão pela qual se encontram ainda diferenças expressivas entre uma análise comparativa e um estudo centrado na realidade portuguesa. Deve ser salientado que, enquanto este estudo tem por objecto de análise central o pluralismo religioso, o estudo europeu colocava o pluralismo como um conceito inerente à religiosidade individual, partindo da hipótese que todas as variáveis manifestas operacionalizadas a partir de pluralismo iriam medir um mesmo factor.

Ao contrário, na nossa abordagem, pondera-se o pluralismo como passível de ser influenciado pela religiosidade individual e pela compartimentalização (consultar modelo de análise, Figura 1), considerando-se ainda a possibilidade de poderem ser construídas diferentes dimensões de pluralismo, facto que acabou por ser demonstrado através da AFCP.

Definidos os dois factores a reter, saliente-se a razoável coesão interna do factor referente à *liberdade de práticas*. O mesmo não se pode dizer no que respeita à liberdade de culto; no entanto o seu valor α de Cronbach permite,

mesmo assim, a formação de uma variável latente. O passo seguinte, quando se tentar perceber de que forma o pluralismo pode ser influenciado pela religiosidade individual e pela compartimentação, implicará a criação de índices com as variáveis que constituem cada um dos factores, passando esse a ser representativo do factor correspondente.

Quadro 3 – Correlação entre factores do pluralismo

	Liberdade de culto	Liberdade de Prática	Impacto da diversidade de religiões
Liberdade de culto	-	.11	.01
Liberdade de prática	.11	-	.07

A construção dos índices relativos ao pluralismo permitiu concluir que há uma correlação positiva significativa, embora não muito expressiva⁹ (Quadro 3), entre o índice da *liberdade de culto* e o da *liberdade de práticas*, o que permite conceber uma variação directamente proporcional no seio destas duas dimensões. Isso significa que a *liberdade de culto* e a *liberdade de práticas* são grandezas directamente proporcionais, ou seja, que se inter-influenciam nas suas variações.

Foi também considerada a dimensão da *diversidade religiosa* (posteriormente não construída), de forma a verificar, através de um teste de correlação, se haveria uma interdependência directa entre os factores obtidos. A diversidade de religiões apresenta uma correlação também positiva e significativa, mas com uma expressividade quase nula¹⁰, o que vem reforçar a ideia já deixada de que esta dimensão não apresenta coesão suficiente para ser considerada como componente do pluralismo.

Compartimentação

Após a análise independente das valências inerentes ao pluralismo religioso, partiu-se para a análise da compartimentalização, conceito que se ponderou como passível de ser explicado pelos indicadores do pluralismo. Do mesmo modo que se assume o pressuposto de que aquele conceito, uma vez operacionalizado, será plausível de explicar o pluralismo.

Porém, antes de se passar à análise comparada entre os índices obtidos a partir destes conceitos, convém perceber como se distribuíram as frequências

⁹ Análise realizada considerando um nível de significância de 0,01.

¹⁰ Análise realizada considerando um nível de significância de 0,05.

dos indicadores representativos da compartimentação, para posteriormente serem submetidos à análise da sua variação sob o efeito de algumas variáveis explicativas. Será ainda necessário adiantar que, pela pertinência da sua distribuição, somente prevaleceram dois indicadores de compartimentação, a saber: o juramento perante Deus em tribunal e a consulta aos líderes religiosos na elaboração de leis morais.

Contudo, foram igualmente testados, embora sem resultados significativos, os seguintes indicadores: proibição de símbolos religiosos nas escolas; financiamento de escolas ligadas a Igrejas ou grupos religiosos; financiamento de grupos religiosos; desejo de influência da Igreja Católica na política; percepção da influência da Igreja Católica na política. Desde logo ficou patente um esquema de respostas que exprime uma concordância moderada de tendência positiva¹¹ (Quadro 4), ou seja, não havendo uma clara concordância com as questões postuladas, interessa verificar que variáveis explicam a estruturação das respostas obtidas com os indicadores de compartimentação. Assim, o sexo dos inquiridos mostrou-se determinante nesta questão, uma vez que as respondentes do sexo feminino demonstraram níveis de concordância muito mais elevados, nomeadamente no que respeita ao juramento em nome de Deus em tribunal (Quadro 5).

O mesmo sucede quando nos debruçamos sobre o impacto do escalão etário nestes indicadores, onde se demonstrou que os inquiridos mais velhos também evidenciam uma tendência a concordarem com estas questões (Quadro 6), já que 44,4% da população mais idosa concorda totalmente que se preste um juramento em nome de Deus, valor que representa o dobro da mesma categoria de resposta nos indivíduos cujos grupos etários se situam entre 18-30 anos e 31-45 anos.

¹¹ As respostas dos indivíduos situaram-se numa escala de 1 a 7, em que o 1 demonstrava uma total discordância com as práticas levadas a cabo e o 7 mostrava uma concordância total, tendo-se obtido para a variável "prestar juramento em nome de Deus no tribunal", uma média de 3,94 com um d.p. de 2,44 e para a variável "consulta aos líderes religiosos na elaboração de leis morais", uma média de 3,99 com um d.p. de 2,37.

Quadro 4 – Indicadores da compartimentação – frequências simples

	1-Discordo Totalmente		2		3		4		5		6		7-Concordo Totalmente		Média	Desvio-padrão							
	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%									
Prestar juramento em nome de Deus no tribunal	293	29,9	29,9	88	8,9	38,8	53	5,4	44,2	116	11,8	56,1	68	6,9	63	107	10,9	73,8	256	26,2	100	3,94	2,44
Consultar líderes religiosos na elaboração de leis morais	276	28,1	28,1	84	8,5	36,6	52	5,3	41,8	117	11,9	53,7	97	9,8	63,5	133	13,5	77,1	226	22,9	100	3,99	2,37

Quadro 5 – Prestar juramento em nome de Deus no tribunal, segundo o sexo

	Sexo												
	Masculino				Feminino				Total				
	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	V.a.	%	
Prestar juramento em nome de Deus no tribunal	1-Discordo totalmente												
	45	9,5	42	8,4	87	8,9	52	5,3	116	11,8	67	6,9	
	20	4,2	32	6,4	52	5,4	116	11,9	64	6,6	105	10,7	
	52	10,9	64	12,8	116	11,9	67	6,9	52	5,4	105	10,7	
	31	6,5	36	7,2	67	6,9	49	5,1	31	3,2	101	10,4	
	6	1,3	56	11,2	62	6,4	101	10,4	6	0,1	101	10,4	
7-Concordo totalmente													
178	37,4	115	23	293	30	476	49,6	100	20,0	501	51,6	977	100

Quadro 6 – Consultar líderes religiosos na elaboração de leis morais, segundo o escalão etário

	Escalão etário											
	18 a 30 anos		31 a 45 anos		46 a 60 anos		Mais de 60 anos		Total			
	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%		
Consultar líderes religiosos na elaboração de leis morais	1- Discordo totalmente	84	34,1	89	28,3	74	26,1	28	20	275	27,9	
	2	22	8,9	31	9,9	21	7,4	11	7,9	85	8,6	
	3	20	8,1	12	3,8	19	6,7	1	0,7	52	5,3	
	4	33	13,4	45	14,3	24	8,5	15	10,7	117	11,9	
	5	25	10,2	29	9,2	29	10,2	14	10	97	9,9	
	6	20	8,1	38	12,1	45	15,8	30	21,4	133	13,5	
	7- Concorde totalmente	42	17,1	70	22,3	72	25,4	41	29,3	225	22,9	
Total	246	100	314	100	284	100	140	100	984	100		

O mesmo tipo de variação pode ser observado quando a análise incide sobre a influência da escolaridade. Aos indivíduos com níveis de escolaridade mais elevados, correspondem concepções que promovem a distanciação entre Igreja e Estado, subtraindo-a às decisões ligadas à esfera política. Assim, poderemos dizer que a escolaridade se assume como variável importante e determinante no que concerne ao posicionamento dos agentes no espaço social da interação, sobretudo numa sociedade marcada pela transmissão e a difusão de informação, a qual poderá ter funções manipuladoras principalmente perante a ausência de filtros cognitivos.

Torna-se assim lógico que haja uma maior concordância com os indicadores da compartimentação por parte dos indivíduos que têm práticas religiosas frequentes. Dito de outro modo, os respondentes com níveis de prática religiosa mais elevada consideram positiva a ligação entre a religião e o Estado, concretamente, a interferência dos líderes religiosos na esfera jurídica (Quadro 7). Uma vez que não existe um mercado religioso competitivo e a prática religiosa é a católica, pode dizer-se que a Igreja Católica é entendida, no plano das representações individuais, como fonte de moralidade e, na sequência disso, é-lhe reconhecida legitimidade para actuar como agente normativo.

Quadro 7 – Consultar líderes religiosos na elaboração de leis morais, segundo a prática religiosa

	Prática religiosa											
	Regular		Ocasional		Rara		Nula		Total			
	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%	v.a.	%		
Consultar líderes religiosos na elaboração de leis morais	1- Discordo totalmente	52	16,5	81	23,3	57	35,8	87	52,7	277	28,1	
	2	18	5,7	36	10,4	20	12,6	9	5,5	83	8,4	
	3	19	6	12	3,5	13	8,2	8	4,8	52	5,3	
	4	25	7,9	60	17,3	13	8,2	18	10,9	116	11,8	
	5	41	13	35	10,1	17	10,7	5	3	98	9,9	
	6	59	18,7	44	12,7	19	11,9	12	7,3	134	13,6	
	7- Concordo totalmente	101	32,1	79	22,8	20	12,6	26	15,8	226	22,9	
Total	315	100	347	100	159	100	165	100	986	100		

Interpretada a forma como varia a compartimentação, segundo a influência das variáveis explicativas, considerou-se interessante criar um índice de compartimentação, agregando assim a informação recolhida a partir deste conceito, de forma a poder testar a inter-influência que poderá haver entre este índice e os índices criados para as dimensões do pluralismo. Numa análise de correlação (Quadro 8), antecipa-se, desde logo, que, à medida que se vão analisando indivíduos que manifestam uma atitude negativa em relação à compartimentação, isto é, que não encaram como necessária uma separação entre Igreja e Estado, menos favorável é a sua atitude em relação ao pluralismo religioso. Assim, poder-se-á concluir que os indivíduos que promovem uma maior independência do Estado em relação às organizações religiosas têm uma tendência para assumir uma postura de maior tolerância perante a liberdade de culto e de prática das diferentes religiões.

Quadro 8 – Correlação entre factores do pluralismo e da compartimentação

	Compartimentalização	Liberdade de culto	Liberdade de prática
Compartimentalização	-	-.19	-.14
Liberdade de culto	-.19	-	.12
Liberdade de prática	-.14	.12	-

Através da utilização de um Modelo de Regressão Linear Simples (Quadro 9), constatou-se que os índices extraídos do pluralismo se mostram como explicativos da compartimentação, corroborando a tendência observada na análise de correlação de que os indivíduos com maiores níveis de pluralismo apresentam, por norma, menor grau de concordância relativamente ao juramento perante Deus e à consulta aos líderes religiosos na elaboração de leis morais. Apesar da obtenção de um R² (medida de adequação dos dados ponderados pela técnica à amostra) pouco expressivo, verifica-se, pela análise dos resultados, a pertinência do uso do teste. Também através da inversão das variáveis, ou seja, colocando o índice de compartimentação como variável independente, se constata que este pode surgir como explicativo da variação do pluralismo.

Quadro 9 – Efeito das dimensões do pluralismo na compartimentação

	β	p
Liberdade de culto	-.18	.000
Liberdade de prática	-.13	.000
r^2	.05	

Confirma-se que haverá uma correlação entre o posicionamento que os indivíduos têm perante o livre exercício de outro tipo de cultos e práticas religiosas, ou seja, a sua atitude perante o pluralismo e a forma como os mesmos encaram a interacção entre o Estado e a Igreja. Pode, portanto, concluir-se que existe uma relação entre a secularização no plano individual (a compartimentação) e as representações, bem como as atitudes que os agentes sociais têm perante a diversidade religiosa, quer na vertente de práticas específicas, quer no que respeita à coexistência de vários tipos de grupos religiosos.

Religiosidade individual

Uma das nossas hipóteses centrais sustentava que as atitudes face ao pluralismo eram também determinadas pela religiosidade dos indivíduos. Por esta razão, foi aplicada a técnica de AFCP aos indicadores que ilustram a religiosidade individual, com o objectivo de perceber como os indicadores se relacionam entre si. A análise factorial conduziu à obtenção de três dimensões relativas a este conceito. Os resultados alcançados mostraram-se extremamente fortes e coesos, como o demonstra o expressivo teste de Kaiser-Meyer-Olkin (KMO) que, atingindo o valor de 0,92, indicia uma adequação quase perfeita da técnica aos dados. Para além desta constatação, deve-se atentar que a AFCP explica mais de 62% da variância sofrida pelos dados, para além do teste à coesão interna dos factores (Alpha de Cronbach) permitir verificar que há uma grande associação entre os indicadores que constituem cada um dos factores, através da análise à variação interna destes.

Pelos resultados obtidos através da AFCP, foram, então, definidos três factores para a religiosidade individual (Quadro 10), que passamos a designar, respectivamente, de *saliência*, *crenças*, e *ritual*.

A *saliência* religiosa traduz a importância da religião no quotidiano dos indivíduos e agrega os seguintes indicadores: a influência das crenças religiosas no dia-a-dia; a influência que estas têm nas tomadas de decisões; a existência de Deus como o motivo que dá sentido à vida; a auto-avaliação da religiosidade individual (ser ou não religioso); a frequência de oração; a assistência a actos religiosos; a religião como fonte de moralidade; a crença na assunção da Virgem Maria; e a crença na ajuda dos Santos.

O segundo factor, o das *crenças*, agrupa a estruturação das atitudes dos indivíduos face à concepção que têm de Jesus Cristo, seja como líder religioso, como profeta, como alguém que nunca existiu ou como, simultaneamente, Deus e homem.

Quadro 10 – Análise factorial da religiosidade individual

	Saliência	Crenças	Ritual
Crenças influenciam o meu dia-a-dia	.94	-.01	.16
Crenças influenciam as minhas decisões	.90	-.04	.14
Existência de Deus dá sentido à vida	.73	.08	-.00
Religiosidade: auto-avaliação	.69	.11	-.11
Frequência de oração	.69	.02	-.14
Frequência de assistência a actos religiosos	.66	-.03	-.19
Religião como fonte de moralidade	.59	-.09	-.17
Assunção da Virgem Maria	.52	.21	-.21
Crença na ajuda dos Santos	.40	.24	-.33
Jesus: líder religioso	.15	.82	-.03
Jesus: profeta	.01	.82	-.01
Jesus: nunca existiu	.09	.63	.05
Jesus: Deus e homem	.35	.45	-.11
Ritual religioso na celebração do nascimento	-.00	-.02	-.89
Ritual religioso na celebração do casamento	.04	-.00	-.87
Ritual religioso na celebração da morte	.01	-.03	-.86
Variância explicada	45,1%	9,3%	8,3%
α Cronbach	.89	.70	.88
N	843	950	985
KMO	.92		

A dimensão *ritual*, neste caso, não tem a ver com prática religiosa, mas apenas com a importância atribuída à realização de actos religiosos no momento de nascimento, casamento e morte. Esta variável latente reúne, assim, três indicadores.

A comparação dos resultados obtidos nesta análise com os observados no estudo do RAMP mostra que se registaram algumas diferenças nos indicadores considerados no estudo internacional, relativamente aos contemplados no estudo da sociedade portuguesa.

O trabalho do RAMP encontrou, também, três dimensões para a religiosidade individual, havendo alguns paralelismos entre estas e as que aqui foram calculadas. Desta forma, a primeira dimensão considerada diz respeito ao ritual que, neste caso, considera um índice que aglomera a pertença a uma Igreja ou comunidade religiosa¹² e a frequência de assistência a actos religiosos, tendo este índice sido denominado pelo RAMP como prática pública; a frequência de oração e a importância da realização de rituais religiosos na celebração de nascimento, casamento e morte.

¹² Variável que não foi tomada em linha de conta, uma vez que, no caso português, a variação de respostas não se mostrou significativa, pela grande concentração de indivíduos católicos.

A comparação entre a dimensão *ritual* que obtivemos na AFCP com os dados do país mostra que somente os três últimos indicadores são tidos em conta, tendo as frequências de assistência a actos religiosos e de oração obtido um esquema de respostas que as colocou na dimensão da *saliência*. Esta estruturação é explicada pelo facto de a dimensão *ritual* ter mais a ver com a percepção acerca da função social da religião e menos com a religiosidade individual e com o efeito que esta tem no quotidiano dos indivíduos.

A celebração de actos religiosos como o nascimento, o casamento e a morte têm relação directa com os *ritos de passagem*, que continuam a prevalecer, mesmo nas sociedades modernas, globalizadas e secularizadas. A dimensão *ritual* surgirá, deste modo, na sociedade portuguesa, como uma estruturação simbólica, fruto também de um enquadramento ideológico, que assenta as suas raízes numa estrutura de longa duração, marcada por um forte peso da esfera religiosa em toda a vida social e hoje, de modo particular, na sua esfera pública.

De acordo com esta lógica, podemos considerar que as estruturas sociais são constituídas pela acção humana, mas ao mesmo tempo essas estruturas estão na base da sua constituição; as estruturas são constituídas através da acção e, reciprocamente, a acção é constituída estruturalmente. Giddens (2000) designa este tipo de funcionamento da sociedade como "dualidade da estrutura", conceito central na sua teoria da estruturação e através do qual o autor tenta evitar o dualismo entre estrutura e acção.

Dentro da análise que estamos a empreender, interessará, ainda, sublinhar que o facto de os indicadores da frequência de oração e a assistência a actos religiosos fazerem parte da dimensão *saliência* (a importância da religião no quotidiano, relembramos) evidenciam a variedade de elementos que os portugueses incorporam na sua estrutura mental religiosa: crenças, práticas e dimensões consequenciais formam um todo coerente neste factor.

A dimensão *crenças* apresenta uma única diferença entre o caso português e o observado no estudo internacional, uma vez que este englobou o indicador que avaliava o conceito de Deus, que não foi considerado no nosso estudo, por falta de expressividade nos dados recolhidos. Recordamos que, no início deste texto, uma análise de frequências simples e cruzada com a prática religiosa revelou uma percepção bastante diluída de Deus.

A terceira dimensão definida pelo RAMP foi denominada como *consequencial*, agrupando a influência da religião nas decisões do quotidiano e a religião como fonte de moralidade. Esta dimensão apresenta alguns pontos comuns com a dimensão da *saliência* por nós obtida, sendo que esta, e como

já foi explicado, assume uma grande expressividade no panorama da religiosidade individual dos portugueses (Quadro 10).

Para se perceber a influência das variáveis sócio-demográficas sobre a religiosidade individual, e dado o número elevado de indicadores que se obtiveram através da operacionalização deste conceito, foram construídos índices das várias dimensões, condensando e agrupando a informação, de forma a reduzir o número de variáveis em análise, sem, porém, se perder informação (Quadro 11). Os valores nos três índices variaram entre 1 (valor mínimo) e 7 (valor máximo), indicando a concordância com os indicadores que compõem cada um destes.

Uma análise simples à distribuição das frequências nos índices construídos mostra ligeiras diferenças entre estes. Assim, a dimensão da *saliência* será a que apresenta resultados mais moderados (média de 4,21 e desvio-padrão de 1,54), enquanto que na *ritual* se encontra uma média mais próxima do valor máximo (5,36), mas também a maior dispersão (desvio-padrão de 1,87). A dimensão da Crença apresenta o nível de concordância mais elevado entre os indicadores que a compõem e também uma maior concentração dos indivíduos nas várias categorias (5,60 de média e 1,30 de desvio-padrão) (Quadro 11).

Quadro 11 – Dimensões da religiosidade individual – frequências simples

	1-Mínimo		2		3		4		5		6		7-Máximo		Média	Desvio-padrão					
	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.	v.a.	% acum.							
Dimensão da saliência	38	4,6	98	11,6	141	16,7	32,9	172	20,4	53,3	184	21,8	75,1	182	21,5	96,6	28	3,4	100	4,21	1,54
Dimensão da crença	5	0,5	16	1,7	43	4,5	6,7	132	13,9	20,6	193	20,3	40,9	274	28,8	69,7	288	30,3	100	5,60	1,30
Dimensão do ritual	72	7,3	43	4,3	47	4,8	16,5	101	10,2	26,7	143	14,5	41,2	194	19,6	60,9	386	39,1	100	5,36	1,87

Verifica-se que as três dimensões em causa são directamente influenciadas pela variável sexo. Tal como se tinha problematizado, constata-se que há uma predominância de indivíduos do sexo feminino nos níveis mais altos de *crenças, ritual e saliência*. Considerando o nível de escolaridade, a relação não é tão linear, apesar de se verificar que, à medida que se observam indivíduos com maior escolaridade, se detectam níveis mais baixos de concordância em todas as dimensões da religiosidade. No entanto, se na dimensão *crenças* estas diferenças não são tão vincadas, na dimensão *ritual*, há uma clara diferenciação entre as atitudes dos indivíduos que têm o 2º ciclo como nível de escolaridade máximo e os que têm habilitações iguais ou superiores ao 3º ciclo. Na dimensão da *saliência* verificam-se diferenças significativas na observação dos indivíduos que não sabem ler nem escrever, sendo que, posteriormente, se distinguem novamente duas facções, os que têm entre o 1º ciclo incompleto e o 2º ciclo e os que têm entre o 3º ciclo e o ensino superior.

O cruzamento entre as dimensões da religiosidade individual e o escalão etário dos inquiridos revela uma associação linear entre estas duas variáveis. À medida que se observam indivíduos mais velhos, assiste-se a um aumento dos níveis de concordância e é naqueles que têm mais de 60 anos que se verifica a maior clivagem relativamente a todos os outros escalões etários. Tal poderá estar ligado a uma maior cristalização de atitudes e de valores. Yves Lambert, analisando o *Inquérito dos Valores dos Europeus* de 1981 e 1990, afirma que a idade se tornou uma das variáveis mais discriminatórias das atitudes religiosas, menos pelo efeito de idade propriamente dito do que pelo efeito inter-geracional. De geração para geração tem-se vindo a verificar um esbatimento da integração cristã e um aumento da adesão a «crenças paralelas» (Lambert, 1993).

Quanto às diferenças verificadas em função da NUT II de residência do inquirido, constata-se que é dada uma maior importância às dimensões da religiosidade individual na Região Norte, muito embora se denotem atitudes semelhantes nos indivíduos da Região Centro. Na análise, e relativamente à Região de Lisboa e Vale do Tejo, observa-se desde logo um decréscimo na concordância nas várias dimensões, sendo esta diferença ainda mais nítida na observação das regiões do Alentejo e Algarve. Estes dados acabam por corroborar as hipóteses relativas ao quadro espacial da religiosidade na sociedade portuguesa.

Relativamente ao meio de residência dos inquiridos, verifica-se que, à excepção da dimensão *crenças*, há uma clara distinção entre os indivíduos que habitam em contexto urbano e os que habitam em cidades de província ou

mesmo em meio rural. Por último, constata-se ainda que aos indivíduos que maior importância dão às dimensões da religiosidade individual, está associada uma mais forte socialização religiosa.

Uma vez explicada a religiosidade individual, mostrou-se pertinente verificar o nível de correlação entre as dimensões obtidas a partir deste conceito e entre estas e as dimensões do pluralismo (Quadro 12). Numa primeira fase, observou-se que há um nível de correlação bastante significativo entre as várias dimensões da religiosidade, demonstrando-se claramente a forte associação entre estas. Por outro lado, concluiu-se que estas vão demonstrar alguma expressividade na correlação com os indicadores do pluralismo. A dimensão da *liberdade de culto* mostra-se correlacionada com a dimensão *ritual*, mas sobretudo com a da *saliência*, enquanto que a *liberdade de práticas* apresenta correlação com a dimensão *crenças*, *saliência*, mas principalmente com a dimensão *ritual*. Convém sublinhar que todas estas correlações são de tendência negativa, ou seja, à medida que aumenta a importância concedida às dimensões da religiosidade individual, diminuem os níveis de pluralismo, o que leva a afirmar que uma maior ligação à sua Igreja, ao nível de crenças, práticas e influência, por parte do inquirido, conduz a uma maior dificuldade na aceitação de implantação de outras religiões.

Quadro 12 – Correlação entre factores

	Liberdade de culto	Liberdade de prática	Dimensão da saliência	Dimensão da crença	Dimensão do ritual
Liberdade de culto	-	.12	-.28	-.70	-.18
Liberdade de prática	.12	-	-.21	-.19	-.27
Dimensão da saliência	-.28	-.21	-	.48	.55
Dimensão da crença	-.70	-.19	.48	-	.43
Dimensão do ritual	-.18	-.27	.55	.43	-
Compartimentação	-.19	-.14	.48	.37	.39

Esta constatação é corroborada pela força que a correlação que as dimensões da religiosidade individual apresentam com a compartimentação, o que demonstra que aqueles que têm menores níveis de pluralismo e maiores índices de religiosidade são a favor de uma maior proximidade entre Estado e Igreja.

Interessará, neste momento, avaliar então que variáveis influenciarão a estruturação dos índices representativos do conceito de pluralismo, através de uma análise de Regressão Linear Múltipla (Quadro 13). Colocando, quer o índice relativo à *liberdade de culto*, quer o da *liberdade de práticas* como variáveis dependentes, poder-se-á compreender quais, de um conjunto de variáveis, irão determinar as variações destes índices.

Constatou-se que, no caso da *liberdade de culto*, as principais variáveis que surgem a explicar este índice são: a dimensão da saliência, com uma orientação negativa, já anteriormente explicada; a importância que o indivíduo atribui à igualdade na sociedade (quanto mais a favor da igualdade, mais favorável ao pluralismo); o nível de escolaridade; a posição ideológica dos indivíduos (quanto mais à esquerda mais evidencia o pluralismo religioso); e o meio de residência, sendo que os que habitam em meio urbano revelam também uma maior tendência para o pluralismo.

Em relação ao índice respeitante à *liberdade de práticas*, repetem-se a influência do nível de escolaridade, do meio de residência e da igualdade entre indivíduos. Para além destes aspectos, verifica-se a acção do índice do ritual religioso, também com uma associação de cariz negativo; e, por último, a influência da geração de nascimento do inquirido, em que se verificam níveis mais elevados de pluralismo à medida que se vão observando indivíduos mais jovens.

Importa ainda referir que, apesar de o índice de compartimentação ter, anteriormente, apresentado alguma capacidade explicativa em ambas as dimensões do pluralismo, em análise conjunta com as variáveis testadas, não demonstra ter a mesma expressividade. Por outras palavras, a religiosidade assume um maior alcance na explicação do pluralismo, quer ao nível da liberdade de culto, quer da liberdade da prática.

Quadro 13 – Explicação das dimensões do pluralismo por um Modelo de Regressão Linear Simples

	Liberdade de culto		Liberdade de prática	
	β	p	β	p
Crenças	n.s.	-	n.s.	-
Ritual	n.s.	-	-.21	.000
Saliência	-.20	.000	n.s.	-
Liberdade	n.s.	-	n.s.	-
Igualdade	.17	.000	-.07	.049
Geração	n.s.	-	.12	.002
Escolaridade	.15	.000	.14	.001
Compartimentalização	n.s.	-	n.s.	-
NUT II de residência	n.s.	-	n.s.	-
Meio de residência	.09	.008	.09	.009
Conceito de Deus	n.s.	-	n.s.	-
Posição ideológica	-.11	.001	n.s.	-
r^2	.16		.12	

Este tipo de análise, pela sua força, permite decalcar quais os preditores que mais influenciam as variáveis que representaram empiricamente o objecto deste estudo. Esta opção tem a virtualidade de conduzir a conclusões teóri-

co-práticas mais sedimentadas sobre a forma como se estruturam as atitudes perante o pluralismo na sociedade portuguesa.

Um pluralismo tímido

Gostaríamos de evidenciar os aspectos mais relevantes desta abordagem do pluralismo, procedendo a um balanço entre as hipóteses avançadas no início do artigo e os resultados obtidos através da análise estatística. Desta feita, situamo-nos numa vertente da pesquisa sociológica de pendor relacional e construtivista, articulando o micro e o macro.

Primeiro, foi possível identificar, através da AFCP, o modo como os indivíduos organizam as suas representações de pluralismo. Encontramos o pensamento estruturado em duas dimensões: a *liberdade de culto*, agrupando esta os indicadores relativos à avaliação feita por cada inquirido quanto ao direito à prática religiosa das Testemunhas de Jeová e dos Cientologistas e quanto à liberdade de aprendizagem de ensinamento de outras religiões; e a *liberdade de práticas* que cobre o conjunto de itens relativos ao "direito de" consumir drogas leves, de impedir transfusões de sangue e de cometer suicídio, caso estes actos façam parte dos rituais religiosos de um indivíduo.

Passando ao plano explicativo, foi possível confirmar que a atitude mais receptiva à diversidade religiosa se encontra entre os mais jovens, os indivíduos com elevados níveis de educação, os urbanos, os que ocupam uma posição ideológica à esquerda e aqueles que atribuem importância à igualdade. Merece especial destaque a escolaridade, dado que foi este preditor que se evidenciou como o mais explicativo nas predisposições para o pluralismo.

São ainda mais pluralistas os indivíduos com menores índices de religiosidade. Não se confirma, assim, a hipótese, também formulada e de sentido contrário, de que uma forte religiosidade viesse a revelar-se compatível com uma atitude pluralista. Apesar de se denotar a presença de indivíduos com forte religiosidade aliada a uma atitude pluralista, esta não é a tendência dominante.

Dentro da religiosidade individual, a regularidade da frequência de actos de culto é o indicador que mais diferencia os níveis de pluralismo. É nos indivíduos com prática religiosa irregular ou nula que encontramos uma maior aceitação da diferença religiosa quer na sua componente institucional (aceitação da coexistência de outros grupos religiosos numa mesma sociedade), quer em termos de práticas rituais específicas de outras crenças e pertencas religiosas.

As posições manifestadas relativamente às questões da compartimentação encontram variáveis explicativas comuns às do pluralismo: os mais jovens, mais escolarizados, com postura ideológica de esquerda, com religiosidade menos intensa, urbanos e do sexo masculino são aqueles que maior tendência têm a visualizar o político e o religioso como esferas distintas. Também foi possível constatar que a compartimentação se correlaciona positivamente com o pluralismo, isto é, indivíduos com atitudes favoráveis à separação entre o Estado e a Igreja são também mais abertos à diversidade religiosa.

Passando à religiosidade individual, as três dimensões que a definem (*saliência, crenças, e ritual*) são influenciadas pelo género. Uma vez mais se corrobora aquilo que as pesquisas que abordam a religião, tanto em Portugal como a nível internacional, repetidamente têm revelado: as mulheres são mais religiosas do que os homens. Ao contrário do que acontece com o pluralismo ou a compartimentação, a escolaridade não apresenta uma linearidade na explicação da religiosidade. Mesmo assim, são os indivíduos com graus de literacia mais elevados aqueles que se colocam nos pontos mais baixos da escala da religiosidade. Os mais velhos, residentes em meios rurais e com uma socialização religiosa forte, são também os mais religiosos.

Os resultados obtidos pela criação deste índice de religiosidade sugerem-nos que seja estabelecido um paralelismo com o estudo realizado por Machado Pais (2001) no âmbito do inquérito do *International Social Survey Programme* (ISSP) sobre religião¹³. A análise das atitudes religiosas dos portugueses permitiu ao autor construir uma tipologia¹⁴, onde se identificavam três grandes grupos classificatórios, dois dos quais já referidos no decorrer desta análise. São eles, os "católicos ritualistas, moralistas e tradicionais"; os "católicos nominais, individualistas e tolerantes" e os "laicos, urbanos e elitistas". O tipo mais expressivo de todos, o dos "católicos ritualistas, moralistas e tradicionais", englobava indivíduos com fortes crenças, quer na dimensão do conhecimento, quer na dimensão espiritual, com práticas muito assíduas de oração e de assistência a actos religiosos, atribuindo grande importância à existência de Deus, que se auto-avaliam como muito ou extremamente religiosos, com forte socialização religiosa, com uma forte importância

¹³ Os questionários do ISSP e do RAMP apresentam um número significativo de questões comuns.

¹⁴ Através do suporte de uma análise estatística por *clusters*, o autor definiu grupos-tipo de indivíduos com características, comportamentos, percepções e atitudes semelhantes entre si.

atribuída à família e com elevados índices de bioética. Neste grupo figuram os indivíduos com baixos níveis de escolaridade, idade avançada, baixos rendimentos e baixo nível cultural.

No pólo oposto deste tipo, Machado Pais define o grupo de indivíduos "laicos, urbanos e elitistas" que, para além das diferentes práticas, crenças, atitudes e concepções metafísicas, se caracterizam como indivíduos urbanos, com posições políticas à esquerda, com elevado nível cultural e educacional e de uma faixa etária bem mais jovem. As conclusões do trabalho deste autor apontam, tal como o nosso estudo, para a existência na sociedade portuguesa de níveis de religiosidade que correspondem a perfis de contornos bastante claros.

Existe uma correlação das dimensões da religiosidade individual com a compartimentação, o que demonstra que aqueles que apresentam menores níveis de pluralismo e maiores índices de religiosidade defendem uma maior proximidade entre Estado e Igreja.

Por último, um aspecto que merece especial atenção tem a ver com o facto de a dimensão da *saliência* explicar, segundo uma orientação negativa, a dimensão *liberdade de culto* e a dimensão *ritual* explicar, também negativamente, a *liberdade de práticas*. Enquanto a *saliência* reúne um conjunto de indicadores em consonância com o dogma religioso católico, o *ritual*, por seu turno, remete para a função social da religião, naquilo que ela representa em termos de práticas exteriores. Por esta razão, parece-nos lógico que um forte enquadramento na religião dominante em termos de práticas exteriores (perceptível por um índice de *saliência* elevado) esteja associado a uma reacção negativa à existência de outras firmas religiosas concorrentes, para utilizar uma expressão típica da teoria da escolha racional.

Em contrapartida, a dimensão *ritual* está menos confinada à dimensão intimista da religião e não implica um forte enquadramento religioso institucional. O que está, neste caso, em causa é principalmente uma postura utilitarista perante a Igreja Católica, instituição em relação à qual permanece um vínculo cultural. Desta forma, entende-se que quanto maior for a importância atribuída aos rituais tradicionais, maior será a dificuldade em aceitar outras práticas culturais religiosas.

Como já o dissemos, o monolitismo religioso continua a matizar culturalmente as representações religiosas dos portugueses. Apesar desta constatação, torna-se interessante tomar consciência das especificidades existentes na sociedade portuguesa e, daí, perceber de que forma se organizarão as atitudes perante o pluralismo e também a religiosidade. A percepção da organização

mental destas premissas, levará à procura de uma contextualização histórico-sociológica para explicar o fenómeno, que terá, necessariamente, de sofrer uma contemporaneização, de forma a entender as alterações verificadas na sociedade, que levaram a que se formassem determinadas franjas de atitudes e representações da população face à religião.

Todo indivíduo é portador de um determinado *habitus*. Ao aplicarmos o conceito de Bourdieu ao nosso objecto, podemos falar em *habitus religioso instuído*, como aquele que se prende com um sistema de disposições duráveis e com uma *memória transmitida*. Dentro desta perspectiva, entendemos que os indivíduos, ao nascerem, já encontram uma complexa rede de funções estruturais, bem definidas e que com o convívio social, num primeiro momento familiar, passa a interiorizar maneiras de ser comuns, formas de agir, valores e representações, religiosas e outras. O indivíduo não reconstrói diariamente a sua visão do mundo, nem mesmo sua forma de agir sobre ele. Um *habitus* funciona praticamente como uma "bússola" (Bourdieu, 1983: 63). A socialização religiosa e a cultura religiosa dominante terão, necessariamente, um papel importante enquanto princípios norteadores da percepção, das condutas e das atitudes. Daí que mesmo incorporando novas visões do mundo e novos valores a herança nunca poderá ser negligenciada.

Esta é uma das vias possíveis de interpretação das atitudes dos portugueses face ao pluralismo. A sociedade portuguesa de hoje, tal como há trinta anos atrás, é uma sociedade católica, que apresenta sinais de pluralização, mas fracos indicadores de formação de um mercado religioso competitivo. Partilhamos da opinião de Liliane Voyé (1992), quando a autora alerta para a necessidade de tomar algumas precauções em relação à ideia de que o pluralismo religioso resulta em exclusivo de uma situação de mercado, onde os "consumidores" fazem as suas escolhas religiosas em função dos seus projectos (*Ibidem*: 160-161). Não se pode ignorar que a religião favorece a reprodução¹⁵, ainda que esta se processe por via de uma herança parcial.

Mas como contratendência, a globalização é, sem dúvida alguma, um processo cada vez mais presente na estruturação das sociedades e traduz-se nas esferas económica, política, cultural, tecnológica e social (Giddens: 2000). Para além de se afigurar como tendência crescente, também se assume cada vez mais como irreversível e os media são veículos e instrumentos fun-

¹⁵ Citando Berger – Peter L. Berger (1987), "Les courants religieux aux Etats-Unis", *Topic*, p. 167 –, Voyé recorda que, mesmo nos EUA, a laicização e a prática religiosa intensa são diferenciadas em termos de classe. O primeiro fenómeno atinge as classes alta e média com elevada instrução, enquanto o segundo é muito mais típico na classe média tradicional e no meio operário.

damentais nesse âmbito. A religião faz parte desse sistema global de comunicação. É no reconhecimento desse fenómeno, empiricamente sustentado, que se pode afirmar que a pluralização da sociedade portuguesa, é a outra face da realidade religiosa. Por um lado, há indicadores disso nas estatísticas oficiais, nos fenómenos de imigração (que alimentaram o crescimento da comunidade islâmica e da Igreja Ortodoxa) e nos dados que revelam a reprodução da pertença a minorias religiosas (como entre os evangélicos e as Testemunhas de Jeová), através da transmissão geracional. Por outro, a percepção e as atitudes dos portugueses em relação à diferença religiosa são diferenciadas e auspiciando que, a par de valores e visões tradicionais, vão sendo traçados novos horizontes de apreensão e de convivência com a religiosidade, na sequência dos quais aquilo que é periférico no campo religioso vá alargando o terreno das suas margens e adquirindo um lugar simbólico mais claro no espaço público e no conjunto da sociedade portuguesa.

Referências bibliográficas

- Anthony Giddens, *Dualidade da Estrutura*, Oeiras, Celta Editora, 2000.
- António Teixeira Fernandes, *Formas de vida religiosa nas sociedades contemporâneas*, Oeiras, Celta Editora, 2001.
- Augusto Santos Silva, *Palavras Para um País. Estudos Incompletos sobre o Século XIX Português*, Oeiras, Celta Editora, 1997.
- Boaventura de Sousa Santos, *O Estado e a sociedade em Portugal (1974-1988)*, Porto, Edições Afrontamento, 1990.
- "Os processos da globalização", in: Boaventura de Sousa Santos (Org.), *Globalização: fatalidade ou utopia?*, Porto, Edições Afrontamento, 2001, pp. 31-99.
- Bryan Wilson, *Religion in Sociological Perspective*, Oxford-New York, Oxford University Press, 1988.
- David Martin, *A General Theory of Secularization*, Oxford, Blackwell, 1978.
- Helena Vilaça, "Identidades, práticas e crenças religiosas", in: J. Machado Pais, M. Villaverde Cabral & Jorge Vala (Coords.), *Atitudes e práticas religiosas dos portugueses*, Lisboa, ICS, 2001, p. 73-128.
- Da Torre de Babel às terras prometidas: estratégias sociológicas para o estudo do pluralismo religioso na sociedade portuguesa*, Porto, Afrontamento (em publicação).
- Helena Vilaça, Jaak Billiet, Karel Dobbelaere, & al., "Church Commitment and Some Consequences in Western and Central Europe", in: Piedmont Ralph & Moberg, David O. (Eds.), *Research in the Social Scientific Study of Religion*, Leiden: Brill, Vol. 14, 2003.
- Jean Rémy & Liliane Voyé, *Cidade: rumo a uma nova definição?*, Porto, Edições Afrontamento, 1994.

José Machado Pais, "O que explica a religiosidade dos portugueses? Uma análise tipológica, in: J. Machado Pais; M. Villaverde Cabral & Jorge Vala (Orgs.), *Religião e bioética* (Atitudes sociais dos portugueses, vol. II), Lisboa, ICS, 2001, pp. 185-235.

Karel Dobbelaere, "Towards an Integrated Perspective of the Process Related to the Descriptive Concept of Secularization", *Sociology of Religion*, 60, 1999, pp. 229-249.

Liliane Voyé, "Religion et économie: apports et limites de l'analyse du religieux à partir de cadres théoriques empruntés à l'économie", *Social Compass*, 39 (1), 1992, pp. 159-169.

Peter L. Berger, *The Sacred Canopy: Elements of a Sociological Theory of Religion*. New York, Doubleday & Company, 1967.

Pierre Bourdieu, "Gostos de classe e estilos de vida", in: Renato Ortiz (Org.), *Bourdieu*, São Paulo Coleção Grandes Cientistas Sociais., no. 39, 1983, pp. 77-91.

Wilberg G. Katz & Harold P. Southerland, "Religious Pluralism and Supreme Court" in William G. Mc Loughlin & Robert N. Bellah (Eds.), *Religion in America*, Boston, Beacon Press, 1968, pp. 269-281.

Yves Lambert, "Ages, générations et christianisme en France et en Europe", *Revue Française de Sociologie*, XXXIV, 1993, pp. 525-555.

Résumé

Le pluralisme, en plus des défis théoriques qu'il incorpore dans le champ de l'investigation sociologique, présente une significative actualité tant que phénomène de la réalité sociale, à l'échelle globale et, donc, à l'échelle «locale» de la société portugaise. Dans ce cas, l'intérêt est en train d'être renforcé par quelques développements récents qui font entrevoir des modifications dans le champ religieux: la projection, dans la sphère publique des minorités religieuses et la prolifération de nouvelles formes de religiosité et de nouveaux mouvements parareligieuses. Ces faits ont constitué des sources de motivation de cette étude: on a cherché de mesurer les attitudes des portugais face à la diversité religieuse, ce qui a impliqué, sous le plan empirique, l'analyse des résultats d'une enquête réalisée, à l'échelle européenne, sur pluralisme religieux et moral.

Abstract

Pluralism is particularly present in social actuality, not only globally but also on the "local" scale of the Portuguese society. In this case, awareness has increasingly been raised by some recent developments that point to restructuring within the religious field: the highlighting of religious minorities in the public sphere and the spreading of new forms of religiosity and of new movements, most of which supported by para-religious beliefs. These facts have been the grounds for the presented study: the attitudes among the Portuguese towards religious diversity have been evaluated, which has demanded, on an empirical level, the analysis of the results of a survey on religious and moral pluralism held in Europe.